

M. M. RAMOS LOPES

CANTARES DO POVO MINHOTO

Região de Barcelos



BARCELOS

8.8(469.12)(04)
AN

*Para a Biblioteca Municipal de
Barcelos, com os homenagens de*

9.VI.98

M. Ramos

CANTARES DO POVO MINHOTO

Região de Barcelos

M. M. Ramos Lopes

PALAVRAS PRÉVIAS

As múltiplas recolhas de cantares do povo que têm sido feitas, ao longo dos tempos, por todas as províncias de Portugal continental e insular retiram, obviamente, qualquer interesse particular a esta colectânea de Cantares do Minho. Até porque tais cantares não constituem um estudo, uma análise ou uma investigação temática, mas representam uma simples recolha feita numa zona restrita, durante um período de tempo extremamente curto (férias de Natal de 1941) por um jovem sem qualquer qualificação específica para esta tarefa.

Mas é, provavelmente, o carácter fortuito e episódico desta recolha e o conjunto de circunstâncias em que ela ocorreu e valerá a pena recordar aqui, que poderão emprestar algum interesse a este registo feito há mais de 50 anos numa aldeia minhota: Airó, no concelho de Barcelos.

Nessas férias de Natal de 1941 era eu estudante do 2.º ano na Faculdade de Medicina de Coimbra, o que quer dizer que já havia feito as cadeiras dos Preparatórios Médicos, na Faculdade de Ciências, e o primeiro ano da Faculdade de Medicina.

Tendo vencido as cadeiras de Histologia e de Anatomia Descritiva (1.ª parte) que constituíam toda a importante matéria do 1.º ano, estava eu agora a braços com as cadeiras do 2.º ano. Vem isto a propósito de dizer que os primeiros anos do Curso Médico eram muito duros, impunham uma grande disciplina de trabalho com aproveitamento das férias, à volta dos livros do Testut e outros clássicos da morfologia e fisiologia humanas.

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 55092

Barcelos

157

Por isso, eu programara aproveitar as férias do Natal para dar um avanço na Anatomia Descritiva, 2.^a parte e na Anatomia Topográfica. Só que houve um precalço, os livros de estudo ficaram em Coimbra, e eu vi-me em Airó sem possibilidade de cumprir o programa estabelecido.

Sentindo vivamente a necessidade de manter o meu espírito ocupado e de conservar os meus hábitos de trabalho, a alternativa que encontrei foi esta de recolher cantigas populares que tinha no ouvido e agora aqui vos deixo. Na casa de lavoura de meus Pais havia muita gente, mas a minha principal fornecedora destes cantares foi a Ludovina, uma velha criada da casa, de idade de meus Pais, analfabeta, mas dotada de considerável memória. Ela e outro pessoal da casa, incluindo membros da família, foram-me dizendo, enquanto se ocupavam dos seus trabalhos, as cantigas que aqui registo por ordem que corresponde à da sua recolha nessa recuada data, com a fidelidade de quem escreve o que ouve, sendo de notar que algumas delas são simples variantes. Desejaria ainda acrescentar que todos estes cantares que agora vos apresento foram recolhidos no curto período que acima referi e que, depois disso, sempre resisti à tentação de lhes acrescentar outras cantigas do meu conhecimento ou lembradas por outros, por não terem sido registadas, naquela época, no manuscrito que ainda conservo. Estas as circunstâncias de tempo e de lugar, nesse Natal distante de 1941.

Airó de Cima era então um lugar da freguesia de Airó, na encosta do Monte do mesmo nome, a 8 Km de Barcelos, 12 de Braga e 15 de Vila Nova de Famalicão, próxima do Cávado, de Areias de Vilar e de Encourados, rodeada pelas freguesias de Adães, Gamil, São Bento da Várzea, Midões, Moure, Sequeade e Bastuço.

Sem estradas que permitissem o acesso automóvel, sem electricidade e muito menos iluminação pública, Airó de Cima e outras zonas rurais vizinhas gozava de um esplêndido isolamento, livre dos ruídos de toda a espécie que hoje nos apoquentam. De dia, podiam ouvir-se os rouxinóis e as rolas ou o cantar do cuco na época própria. O chiar dos eixos dos carros de bois sob pesadas cargas, as vozes dos animais e os descantes das raparigas nos trabalhos campestres constituíam uma realidade que quase de todo se perdeu. De noite, podia ainda gozar-se a delícia de um céu estrelado e localizar as constelações no silêncio imperturbável de uma escuridão não poluída, como agora, pelos candeeiros de iluminação pública.

Havendo nessa época pouca indústria que atraísse as pessoas, vivia-se ali uma ruralidade plena. O ciclo da natureza e dos trabalhos campestres andava no ar. Os sons dominicais das violas e concertinas, os pares de namorados em trajes domingueiros, as festas e romarias, as cantigas ao desafio, a festa das colheitas e das desfolhadas eram então uma realidade viva.



Fig. 1 — *Casa onde nasceu e passa férias o autor, em Airó de Cima.*

Entretanto, mais de meio século se escoou na ampulheta do tempo... E ao pretender agora caracterizar, em pinceladas breves, as circunstâncias de tempo e do lugar da pequena aldeia onde nasci, vivi e pude colher estes cantares do povo que agora fui buscar à poeira dos meus arquivos, eu estou tentando contribuir para uma melhor compreensão da realidade que neles palpita. Realidade em que se adivinha, num fundo de acordes musicais, certa toada de cantigas ao desafio, divertidas, irónicas e trocistas quando não cheias de bucolismo ou impregnadas de profundos conceitos de filosofia popular. Como podereis apreciar ao longo das 464 quadras que aqui vos deixo e representam um interessante material de análise.

CANTARES DO MINHO

*Meu amor! Se tu te vires
No tribunal das formosas,
Agarra-te às moreninhas
Que as brancas são enganosas.*

*Se pedras fossem as lágrimas
Que por ti tenho chorado,
Mandava fazer um forte
No meio do mar salgado.*

*No meio daquele mar
Está um cruzeiro erguido,
Onde o meu amor chorava
Lágrimas de arrependido.*

*Tenho o meu amor de choco
Na folha da serradela,
Se a sorte me proteger
Tenho pintos como terra.*

*Ai de mim que já não posso
Com tantas penas amar-te,
São tantos a pretender-te
Que me resolvi deixar-te.*

*Silva verde na parede,
Morta fica ao desengano.
Mais prende o amor num dia
Que a justiça em todo o ano.*

*Os olhos do meu amor
São negros, como veludo,
Inda espero de lograr
Olhos, coração e tudo!*

*Olhos negros, roubadores,
Porque vos não confessais
Dos delitos que fazeis
Dos corações que roubais.*

*Os olhos do meu amor
São duas azeitoninhas.
Fechados são dois botões,
Abertos duas rosinhas.*

*Troquei os meus olhos pretos
Pelos teus acastanhados
Agora todos me chamam
Amor dos olhos trocados.*

*Os olhos acastanhados
Só o meu amor os tem.
Hei-de ver se outros arranjo
Acastanhados também.*

*O coração e os olhos
São dois amantes leais,
Quando o coração tem penas
Logo os olhos dão sinais.*

Os olhos verdes são falsos,
Os azuis são lisongeiros,
Os olhos acastanhados
São os leais, verdadeiros.

A cobra pelo paúl
Corre que desaparece
Esses teus olhos menina
São a coisa que me empece.

O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou.
O amor que tu me tinhas
Era pouco, acabou.

O anel que tu me deste,
Antoninho da Trindade,
Era-me largo no dedo,
Apertado na amizade.

O anel que tu me deste
Nem o dei, nem o vendi,
Deitei-o da ponte abaixo,
A receita era p'ra ti.

Janela de pau de pinho,
De pau de pinho janela.
Quem me dera estar nos braços
De quem está agora nela.

Cravo branco à janela
É sinal de casamento,
Menina recolha o cravo,
P'ra casar tem muito tempo.

A silva que a mim me prende
Da tua janela nasce.
Nunca a silva me prendeu
Que eu dela me não livrasse.

A silva com que me prendes
Nasce da tua janela.
Tem cuidado, meu amor,
Não vá eu vingar-me dela.

Meu amor anda-me ver
Ao cancelinho da vinha,
Porque meu pai não está em casa,
Minha mãe não adivinha.

Tenho à minha janela
A segurelha em dois molhos.
Tenho diante de mim
A perdição dos meus olhos.

Não te encostes à parede
Que está suja e larga pó.
Encosta-te ao meu peitinho,
Sou solteira, durmo só.

Loureiro, verde loureiro,
Loureiro, verde na rama.
Por causa de ti, loureiro,
Nem durmo nem faço cama.

Rouxinol de bico preto
Deixa a baga do loureiro.
Deixa dormir o menino
Que está no sono primeiro.

Eu passei à tua porta
Pedi-te água, bebi vinho.
Quando tu passares à minha,
Fala que eu não adivinho.

O meu amor amuou,
Eu também hei-de amuar.
Não hei-de falar p'ra ele
Sem ele p'ra mim falar.

O meu amor amuou,
Foi às amoras ao mato.
Vem cá meu amor vem cá,
Tu de amoras já estás farto.

Eu hei-de cantar de noite
Que a sombra tudo encobre.
Meu amor anda à janela
Que a tua gente já dorme.

Vou cantar uma cantiga,
Eu não sei se saberei.
Quem não usa, não é mestre,
Eu também assim serei.

Antoninho, pano fino
Caiu à água molhou-se.
Adeus, adeus, Antoninho,
O nosso amor acabou-se.

Ó alecrim rei das ervas,
Ó erva rei dos mortais.
Palavras que dais a outro,
São facadas que me dais.

Alecrim do pé da eira
Tem no meio duas folhinhas.
Se eu soubera quem tu eras
Não te dava falas minhas.

O meu amor inda ontem
Pela vida me jurou
Que se ia deitar ao rio,
Eu atrás dele não vou.

O alecrim de Viana
Deita a folha para o lado.
Para a dor de cotovelo
Está remédio provado.

Trago na minha algibeira
Uma laranja partida,
Para dar ao meu amor
Que anda de beiça caída.

Caiu a laranja à água
E apodreceu metade.
Quem ama dois corações
Ama um com falsidade.

Da minha porta p'ra tua
Tudo é caminho chão,
Tudo são cravos e rosas
Plantados por minha mão.

Ó Braga, mãe das violas,
Ó Porto, dos violões,
Viana, mãe das guitarras,
Ó Barcelos, ó Camões.

Nunca cantei, nem dancei,
Nem no terreiro pus pé.
Agora canto e danço
C'um amor que doutro é.

Meu coração é relógio,
Meu peito relojoeiro.
Meu coração adivinha
E mais não é feiticeiro.

Põe-te a pé, ó cara linda,
Acende o teu candeeiro.
Anda ver a triste vida
Que passa um moço solteiro.

Quando eu aqui cheguei
Deitei os olhos e vi
Meu amor nos braços doutro,
Não sei como não morri.

Nunca cantei nem dancei
Nem pus o pé no terreiro,
Agora canto e danço
C'o meu amor verdadeiro.

Deitei o cravo ao poço
Fechado, saiu-me aberto.
É um regalo na vida
Enganar a quem é esperto.

Nas ondas do teu cabelo
É que aprendi a nadar,
Tantas vezes fui ao fundo
Que pensei de me afogar.

Meu amor anda-me ver
Que eu não te vou procurar.
A água procura o rio,
O rio procura o mar.

Quem me dera ser o linho
Que vós na roca fiais.
Quem me dera tantos beijos
Quantos vós no linho dais.

Meu amor, se fores à missa
Fica debaixo do coro.
Olha que o padre é ratão,
Pode-te fazer namoro.

Quem me dera ser retrós
Ou seda de toda a cor,
Para andar no teu peitilho
Servindo de atacador.

Cantigas ao desafio
Comigo ninguém as cante,
Que eu tenho quem mas ensine,
O meu amor é estudante.

O meu amor é de Braga,
É meio «acidadão».
Vem-me afeito ao molete,
Não me quer comer o pão.

Se Deus a Braga me leva
Hei-de jurar o que vi.
Que dormi na tua cama
Muito bem, ao pé de ti.

Se Deus a Braga me leva
Hei-de jurar a verdade.
Que dormi na tua cama
Muito à minha vontade.

Já dormi na tua cama,
Já o teu rosto beijei.
Já logrei os teus carinhos,
Agora descansarei.

Já dormi na tua cama,
Já o teu rosto beijei,
Já logrei os teus carinhos
E mais aquilo que eu sei.

O carvão que já foi brasa
Com pouco lume se acende.
O amor que já foi d'alma
Com poucos rogos se rende.

Ó pedras desta calçada
Levantai-vos e dizei
Quem por'qui anda de noite
Que eu de dia bem o sei.

Ó luar da meia-noite
Alumia cá p'ra baixo.
Qu'eu perdi o meu amor,
Às escuras não o acho.

*Senhora das Dores da Maia,
Valei-me que bem podeis.
Está o tabaco mais caro:
Quatro cigarros dez reis.*

*Fui-me deitar a dormir
Ao pé da água que corre,
A água me respondeu
Quem tem amores não dorme.*

*Mesmo com a noite escura
Quem ama não «arreceia»,
Quem quer bem ao seu amor
Pela porta lhe passeia.*

*Ó ai ó linda, um beijinho
Detrás da porta te dei
Foi tão bem repenicado
Que gritastes aqui-d'el-Rei.*

*Senhora das «Necidades»
Não torno à vossa festa,
Que me tiraste a merenda
E mai-la hora da sesta.*

*Santa Marta da Falperra,
S. João do pé de Braga,
Dai-me uma boa fortuna
Se eu chegar a ser casada.*

*Ó Minhotães, ó Minhotos,
Ó Negreiros, negreirelos,
Ó Cavalões, ó cavalos,
Ó ladrões de Gondifelos.*

*Ai triste da minha vida,
Ai triste da vida minha.
Quem me dera ir contigo
Onde tu vais andorinha.*

*Freguesia de S. Jorge,
Hei-de-te mandar varrer
C'uma vassoura de prata
Que de ouro não pode ser.*

*Ó milagroso S. Bento
Que dais a quem vos vai ver?
Carvalhos com boa sombra
E fontes para beber.*

*Ó Barcelos, ó Barcelos,
Ó Barcelos, ó vadio,
Caiste da ponte abaixo
Foste beber água ao rio.*

*Barcelos e Barcelinhos
São duas vilas unidas.
Barcelinhos dos rapazes
Barcelos das raparigas.*

*Os sinos da nossa aldeia
Todos 'stão tlim, tlim.
No reino dos céus esteja
Quem te criou para mim.*

*Ó acipreste do adro,
Não assombres a Igreja.
Que bem assombrado anda
Quem não logra o que deseja.*

*Tu dizes que me queres bem,
O querer bem não é assim,
Só falas quando me encontras
Passadas não dás por mim.*

*Quando te vi laranjeira,
De laranjas carregada,
Logo o meu coração disse
Laranjeira desgraçada.*

*Eu subi ao limoeiro,
Cheguei ao meio caí.
Se o limoeiro é morte,
Ai de mim, que já morri.*

*Eu subi ao limoeiro,
Cinco folhas lhe tirei.
Cinco sentidos que eu tinha,
Todos em ti empreguei.*

*Quando te vi moreninha
De laranjas no regaço
Fiquei por ti tão perdido
Não pude dar mais um passo.*

*Quando te vi moreninha
Encostadinha ao mirante,
Logo o meu coração disse,
Moreninha tens amante.*

*Maria, minha Maria,
Maria, meu ai-Jesus,
Quem me dera pôr a mão
Onde o teu lenço faz cruz.*

*Ouvi chamar-te Maria,
O teu nome me agradou,
Por ser o primeiro nome
Por quem o Senhor chamou.*

*Maria, dá-me o teu nome,
Também quero ser Maria,
As Marias são alegres,
Também quero alegria.*

*Meu amor tu estás dormindo
Entre dois lençóis lavados.
E eu por aqui de noite
Penando, dos meus pecados.*

*Assenta-te aqui António,
Rapaz que vens enfadado,
Nesta cadeirinha nova
Feita da raiz de um cravo.*

*Hei-de escrever ao Cupido
E mandar-lhe perguntar
Se um coração ofendido
É obrigado a amar.*

*No alto daquele monte
'Stá um jardim a secar.
Obrigaram-se os meus olhos
A dar água p'ró regar.*

*Manjerição da janela
Meu peito já foi teu vaso.
Tomaste novos amores
Já de mim não fazes caso.*

*Meu amor, ontem à noite,
Pela porta me passou.
Por causa da vizinhança
Nem o chapéu me tirou.*

*Ó meu amor anda, anda,
À Igreja dar a mão,
Tapar as bocas ao mundo
Descansar meu coração.*

*Sou filha da minha mãe
E neta da minha avó.
Sou sobrinha da poeira,
Onde chego faço pó.*

*Segurelha, segurai-me,
Que eu quero andar segura.
Que eu quero desenganar
Um amor que me procura.*

*Passas por mim e não falas
Nem o teu chapéu me tiras.
Certamente te disseram
De mim algumas mentiras.*

*Passas por mim e não falas,
Guardas respeito a alguém.
Podes passar e falar,
Respeitar quem te quer bem.*

*Foste dizer mal de mim,
Maldita língua! Danada!
Que te custava dizer
Dessa mulher não sei nada.*

*Foste dizer mal de mim
A quem logo me contou.
Eu sempre quiz bem e quero
A quem me enganou.*

*Ó meu amor de tão longe
Chega-te cá para perto.
Já me dói o coração
De te ver nesse deserto.*

*Ó meu S. João Baptista,
Ó meu belo marinheiro,
Levai-me na vossa barca
Para o Rio de Janeiro.*

*Ó infeliz mocidade,
Ó desgraçado viver.
Quem ama não considera
O perigo que pode haver.*

*Amores ao pé da porta
Nem os tenho nem os quero.
Quanto mais ao longe e ao largo
Quanto mais eu bem lhe quero.*

*Amores ao pé da porta
Amá-los a todo o risco.
Quando a boca não fala
Sequer os olhos lhe empisco.*

*Inda que meu pai me mate,
Minha mãe me tire a vida,
Minha palavra está dada,
Minha mão está prometida.*

*Senhor pai, senhora mãe,
Dê-me a chave do jardim
Que eu quero colher um cravo
P'ró meu amor Joaquim.*

*Pediste-me uma prendinha
Eu não tenho que te dar.
Dar-te-ei um cacho de uvas
Quando meu pai vindimar.*

*Meu pai julga que me tem
Solteirinha sem amores.
Eu estou cercadinha deles
Como um jardim de flores.*

*Meu pai julga que me tem
Sentadinha na varanda.
Coitadinho do meu pai
Que tão enganado anda.*

*Dei um nó na fita verde
Outro na mais vermelhinha.
Inda espero de dar outro
Na tua mão e na minha.*

*Desaperta o teu colete,
Quero ver teu camisote.
Quero ver esse teu peito
Causador da minha morte.*

Se quiseses ver o meu peito,
Desaperta o meu colete.
Lá verás meu coração
Na ponta de um alfinete.

Antoninho, cravo roxo,
Vaso da minha varanda,
Caixinha dos meus segredos
Onde o meu coração anda.

Ó meu amor não me adores
Que eu não sou nenhum altar.
Eu não sou santo nem santa
A quem tenhas de adorar.

Ó meu amor não me adores
Que eu p'ra ti não hei-de ser.
Que eu já tenho quem me adore
Os dias que hei-de viver.

Ó meu amor ama a graça,
Não ames a formosura.
Que a formosura sem graça
É pior que a noite escura.

Coitadinho de quem dorme
À porta do seu amor.
Das pedras faz travesseiro,
Do luar faz cobertor.

Eu subi ao limoeiro,
Cortei só uma vergasta.
O amor que é entendido
Meia palavra lhe basta.

A laranja quando nasce,
Nasce logo redondinha.
Menina, quando nasceste
Foi logo para seres minha.

Atirei uma azeitona
À menina da janela.
A azeitona caiu dentro,
A menina quem ma dera.

Nem no mundo há dois mundos
Nem no céu, há dois senhores.
Como é que pode haver
Num coração dois amores?

Ninguém se fie nos homens
Nem nas falas que eles dão.
Que eles têm mel na boca,
Resalgar no coração.

Amores de um homem casado
Quem os tem? Quem os cobiça?
São como um cant'ro furado,
C'uma rolha de cortiça.

Trago dentro do meu peito
Duas 'zenhas a moer,
Uma anda outra desanda,
Assim é o bem-querer.

Tenho dentro do meu peito
Duas espinhas de peixe.
Uma diz-me que te ame
Outra diz-me que te deixe.

Quando eu saio de casa
Minha mãe me recomenda
Que me não fie nos homens
Que eles são fraca fazenda.

Fui ontem a Vila Nova
E passei à Isabelinha,
Uma franga quando põe
Já se lhe chama galinha.

*Chamastes a meu pai sogro
E a minha irmã cunhada.
Nem o meu pai é teu sogro
Nem minha irmã te é nada.*

*Não se me dá ir com cruz
Subir o Calvário a pé.
Não se me dá de morrer
Sabendo eu por quem é.*

*Ó minha pombinha branca,
Ó minha branca pombinha.
Quando há-de ser a hora
Em que te hei-de chamar minha?*

*Coitadinho de quem tem
Dois amores na mesma rua.
Passa por um diz adeus
E logo o outro amua.*

*Anda comigo menina
Anda comigo or'anda.
No meio daquele mar
Formemos uma varanda.*

*A carta que me escreveste
Inda cá me não chegou.
Se me quiseses falar
Fala agora que aqui estou.*

*Hei-de escrever uma carta,
Hei-de deitá-la na areia.
Venha o vento que a leve,
O meu amor que a leia.*

*O meu amor é de longe,
Inda que eu cante, não ouve.
Hei-de-lho mandar dizer
Numa folhinha de couve.*

*Vai carta feliz voando
Nas asas dum passarinho.
Vai levar ao meu amor
Um abraço e um beijinho.*

*Vai carta feliz voando
Nas asas dum rouxinol.
Vai ver os mais lindos olhos
Que há debaixo do sol.*

*Vai carta feliz voando
Nas asas dum serafim.
Vai dizer ao meu amor
Que se não esqueça de mim.*

*Vai carta feliz voando
Até à porta da sala.
Quando vires o meu amor
Abre-te carta e fala.*

*Que passarinho é aquele
Que passa o rio e não bebe?
Leva o biquinho fechado
Por causa do ar da neve.*

*Que passarinho é aquele
Que no ar faz ameaças?
Com o bico pede beijos,
Com as asas pede abraços.*

*Quem me dera ser a hera
Pela parede a subir.
Para chegar ao teu quarto
Para te ver a dormir.*

*Da minha casa p'ra tua
É o salto duma cobra.
Inda espero de chamar
À tua mãe minha sogra.*

Minha sogra morreu ontem,
Deus a leve ao Paraíso.
Deixou-me uma manta velha
Não posso chorar com riso.

Minha sogra morreu ontem,
Enterrei-a no palheiro.
Deixei-lhe uma mão de fora
Para tocar no pandeiro.

Minha sogra morreu ontem
Enterrei-a em terra seca.
Deixei-lhe uma mão de fora
Para tocar na rebeca.

Minha sogra está doente
Vou-lhe matar a cadela.
Não quero que o filho diga
Que eu não trato bem dela.

Ele chove, o rio cresce,
O meu barquinho não anda.
Coitadinho de quem tem
Seus amores na outra banda.

Vai calor que abrasa o mundo,
Só na varanda vai vento.
Muito enganado anda
Quem comigo perde tempo.

Quem diz que o amar que custa,
É certo que nunca amou.
Eu amo des'pequeninha,
Nunca o amor me custou.

Quem me dera ver agora
Quem não sei há tanto tempo.
'Stá-me tão longe da vista,
Tão perto do pensamento.

Quem me dera ver agora
Quem me agora aqui lembrou.
Era ver o meu amor
Que tão longe dele estou.

Vós dizeis que viva a Maia,
Não sei que graça lhe achais.
Terra de milho miúdo,
Alimento dos pardais.

Ó Francisco da Penida
Anda breve e com cuidado
Se quiseses fazer a boda
Em antes do baptizado.

Com a pena do pavão
E o sangue da cotovia
Escrevi teu lindo nome
No meu coração, Maria.

Escrevi num tronco velho
Algum dia o nome teu.
O teu nome era tão lindo
Que o tronco reverdeceu.

Ó branca Serra das Neves
Donde o penedo caiu.
Ninguém diga o que não sabe
Nem afirme o que não viu.

Ó Ana, três vezes Ana
E Maria uma só vez,
Mais vale uma só Maria
Do que as Anas todas três.

Mariquinhas, meu amor,
A faça parte a cebola,
Beijinhos, quantos quiseses,
Casar contigo, tó rola.

Eu já morri uma vez,
Achei o morrer tão doce...
Morria duas ou três
Se por tua causa fosse.

Já morri, já me enterrei,
Que sepultura bonita.
Quem morre nesses teus braços,
Não morre, que ressuscita.

Já morri, já me enterrei,
Debaixo de dois torrões.
Tornei a ressuscitar
Com as tuas orações.

O meu amor coitadinho
Chora de noite na cama.
Chora que já foi amado
E agora ninguém o ama.

Margaridinha moleira
Dá-me da tua farinha,
Que a quero peneirar
C'uma nova peneirinha.

Ó meu amor, se tu fores,
Na vinda nem por aqui.
Que eu fecho os olhos e juro,
Mas juro que te não vi.

Sou soldado artilheiro
Da artilharia do Porto.
Agora vou p'ra Viana
Aprender a ser maroto.

Ó malhão, triste malhão,
Ó malhão, triste coitado.
Por causa de ti malhão
Ando triste, apaixonado.

Anda comigo menina,
Deixa um pai que te criou.
Nem teu pai nem tua mãe
Te dão aquilo que eu dou.

Se eu soubesse tão bem ler
Como sei tocar viola,
Não me havia de escapar
A filha do rei mais nova.

Menina que sabe ler,
Você há-de-me ensinar.
Diga-me a primeira letra
Onde eu hei-de começar.

O padre quando diz missa
Abre o livro e diz «Oremos».
Tu dizes que eu que sou tua,
Eu digo qu'inda veremos.

Foi «M» a primeira letra
Que eu no meu peito escrevi.
Se alguém se perdeu no mundo,
Fui eu por causa de ti.

Falais de mim, falais d'outros
E falais do mundo inteiro.
Inda a língua se vos ponha
Como a tinta no tinteiro.

Murmurai, murmuradeiras,
Murmurai, a vosso gosto,
Que o inferno não se fez
Para cadeira de encosto.

Aquela mulher casada
Que lhe importa a minha vida?
Que vida seria a dela
Quando era rapariga...

*Eu antes queria morrer,
O meu peito à terra dar,
Do que ver o meu amor
Na vida de militar.*

*Ó preto p'ra que te lavas
Se branco não hás-de ser?
Que a água já me jurou
De branco não te fazer.*

*Pinheiro, dá-me uma pinha,
Ó pinha dá-me um pinhão.
Menina dá-me os teus olhos
Que eu dou-te o meu coração.*

*Adeus comboio correio,
Comboio arrastador,
Que me levas e não trazes
Notícias do meu amor.*

*Ó que pinheiro tão alto,
Que bom pau para colher.
Ó que menina tão linda
Para ser minha mulher.*

*Eu casei-me por um ano
P'ra ver a vida que tinha.
O ano vai-se acabando
Quem me dera solteirinha.*

*Eu casei-me por um ano
P'ra ver a vida que era.
O ano vai-se acabando,
Oh! Quem solteira me dera.*

*Tu chamaste aos meus cabelos
Cordas do teu violão.
Eu também chamo aos teus
Amarras do coração.*

*Dizeis que não sei cantar
E que tenho a fala grossa.
Com ela me remedeio,
Não vos vou pedir a vossa.*

*Abre-te campá adorada,
Minha amada quero ver.
Quero beijar o seu rosto
Antes da terra o comer.*

*Atira mano, atira,
À pomba que anda na eira.
Ah! ladrão que a mataste,
Era a minha companheira.*

*Com pena peguei na pena
Com pena escrevi um S.
Com pena mandei dizer
Ao meu amor que viesse.*

*Ó vida da minha vida,
Vida solteira real.
Quem me desta vida tira
Faz um pecado mortal.*

*Se o mar tivesse varandas
Ou caminho ou carreiro,
Ía-te ver meu amor
Lá ao Rio de Janeiro.*

*Se o mar tivera varandas
Ía-te ver ao Pará.
Mas o mar não tem varandas,
Meu amor anda tu cá.*

*Se o mar tivera varandas
Ía-te ver a Lisboa.
Mas o mar não tem varandas,
Quem não tem asas, não voa.*

Semeei no meu quintal
O brio dos estudantes.
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de diamantes.

Semeei no meu quintal
O brio das raparigas.
Nasceu-me uma rosa branca
Cercada de margaridas.

Semeei no meu quintal
Bacalhau frito às postas.
Nasceu-me um velho careca
C'uma corcunda nas costas.

Semeei no meu quintal
Batatas e bacalhau.
Nasceu-me um velho careca
Agarradinho a um pau.

A rosa para ser rosa
Deve ser do peito de Ana.
Colhidinha no Domingo
Dura p'ra toda a semana.

A rosa para ser rosa
Deve ser d'Alexandria.
A mulher p'ra ser mulher
Deve-se chamar Maria.

A flor da fava é branca,
Cai no chão fica amarela.
Não vás pedir a menina
Sem ter falado com ela.

Não há sol como o de Maio,
Luar como o de Janeiro.
Nem cravo como o regado
Nem amor como o primeiro.

Não há cravo como o branco
Que até no cheirar é doce,
Nem amor como o primeiro
Se nunca acabado fosse.

Quando comecei a amar-te
Inda não era pecado.
Nem o mundo era mundo
Nem o mar era salgado.

Nasceu um botão de rosa
No valado duma pôça.
Não há moço que mereça
O coração duma moça.

Quem me dera estar agora
Onde está meu pensamento,
Desta terra para fora,
De Coimbra para dentro.

O meu amor não é aquele
Que eu no andar o conheço.
Tem um andar miudinho
Como a folha do codeço.

Nunca vi o sol à noite
Nem estrelas ao meio dia.
Nunca vi o meu amor
Quantas vezes eu queria.

Ó meu amor anda anda,
Anda vindo devagar,
Que eu quero ver o teu brio
E mai'lo teu passear.

Ó freguesia de Airó,
Viradinha à Estação.
Os moços que nela moram
São a minha perdição.

Ó freguesia de Airó,
Deixar-te muito me pesa.
Inda espero de voltar
Ao centro da natureza.

Agora vou-me casar,
Vou seguir a lei de Deus.
Vou dizer à mocidade
Três vezes adeus, adeus.

Que lindo botão de rosa
Aquele roseira tem,
Debaixo ninguém lhe chega
Acima não vai ninguém.

Detrás da roseira nasce
Fogo que abrasa, em dois lumes.
Quem é rendeiro d'amores
Paga renda de ciúmes.

Eu não posso andar de noite
Nem de madrugada cedo.
Que eu ando ameaçado
De quem tenho pouco medo.

Eu não quero nem brincando
Dizer adeus a ninguém.
Quem parte leva saudades,
Quem fica saudades tem.

Adeus é triste palavra,
Dum adeus quem pode rir-se?
Coração que bem se quer
Nunca deve despedir-se.

Diz-me cá, ó cantador
Mas vai-me já responder
Por onde é que tu andavas
Antes de teu pai nascer.

Antes de meu pai nascer,
Eu e toda a minha raça
Podia ser procurado
Nos impossíveis da massa.

Manjerição da janela
Bem te podes ir secando,
Quem te regava morreu,
Eu já me vou enfadando.

Manjerição da janela
Sêca seja a tua rama.
Já morreu quem te regava,
Eu inda pago a fama.

Tudo o que nasceu morreu
Até o leão da serra.
Foi palavra que Deus deu,
Palavra de Deus não erra.

António, rico António,
Lindo amor tenho eu.
Quem tem um amor António
Tem uma quinta de seu.

Abençoado é o carvalho,
Dá no ano quatro frutos:
Bugalhos e bugalhetas,
Landes e maçãs de cucos.

Carvalho, que das bugalhos,
Porque não das coisa boa?
Cada qual dá o que pode
Conforme a sua pessoa.

Pilriteiro, das pilritos,
Porque não das coisa boa?
Cada qual dá o que tem
«Consoante» a sua pessoa.

*Erva-doce ao pé do rio
Dá-lhe o vento faz balanço.
Eu p'ra ver o meu amor
Nem sequer tenho descanso.*

*Ó freguesia de Airó,
Onde a água sobe e desce.
Nem a água mata a sede,
Nem o meu amor me esquece.*

*Ó vida da minha vida,
Cantigas leva-as o vento.
Quem deita conta a cantigas
Tem falta de entendimento.*

*Deitei o limão correndo,
À tua porta parou.
Quando o limão te quer bem
Que fará quem o deitou.*

*Menina que está à janela,
Olhando para quem passa,
Tem olhinhos de cadela,
Venha comigo à caça.*

*Menina que está à janela
Com o seu relógio à cinta,
Diga-me que horas são,
Fale verdade, não minta.*

*Ó minha caninha verde,
Ó minha tão verde cana,
Tenho um amor p'ró Domingo,
Falta-me outro p'rá semana.*

*Ó minha caninha verde
Verde cana de encanar,
Pela boca morre o peixe...
Quem te a ti mandou falar?*

*A cana verde no mar
Rebenta logo ao nascer.
Assim rebentem os olhos
A quem me não pode ver.*

*A cana verde no mar
Navega por onde quer.
É como o moço solteiro
Enquanto não tem mulher.*

*A mulher é desgraçada
Até no despir da saia.
Não há desgraça nenhuma
Que aos pés da mulher não caia.*

*Já venci uma demanda
C'o diabo no Inferno.
Deitei-lhe um corno abaixo,
Deu-me lenha p'ró Inverno.*

*Inclina-se o sol nascente
Às pedras do teu anel.
Também sou inclinada
Ao teu nome, Manuel.*

*Tenho corrido mil terras,
Vilas, cidades, aldeias,
Até já combati guerras
E cantei com as sereias.*

*Tenho corrido mil terras,
Cidades mais de quarenta.
Caras lindas tenho visto,
Só a tua me contenta.*

*Tenho corrido mil terras,
Terras tenho passeado.
Caras lindas tenho visto,
Nenhuma do meu agrado.*

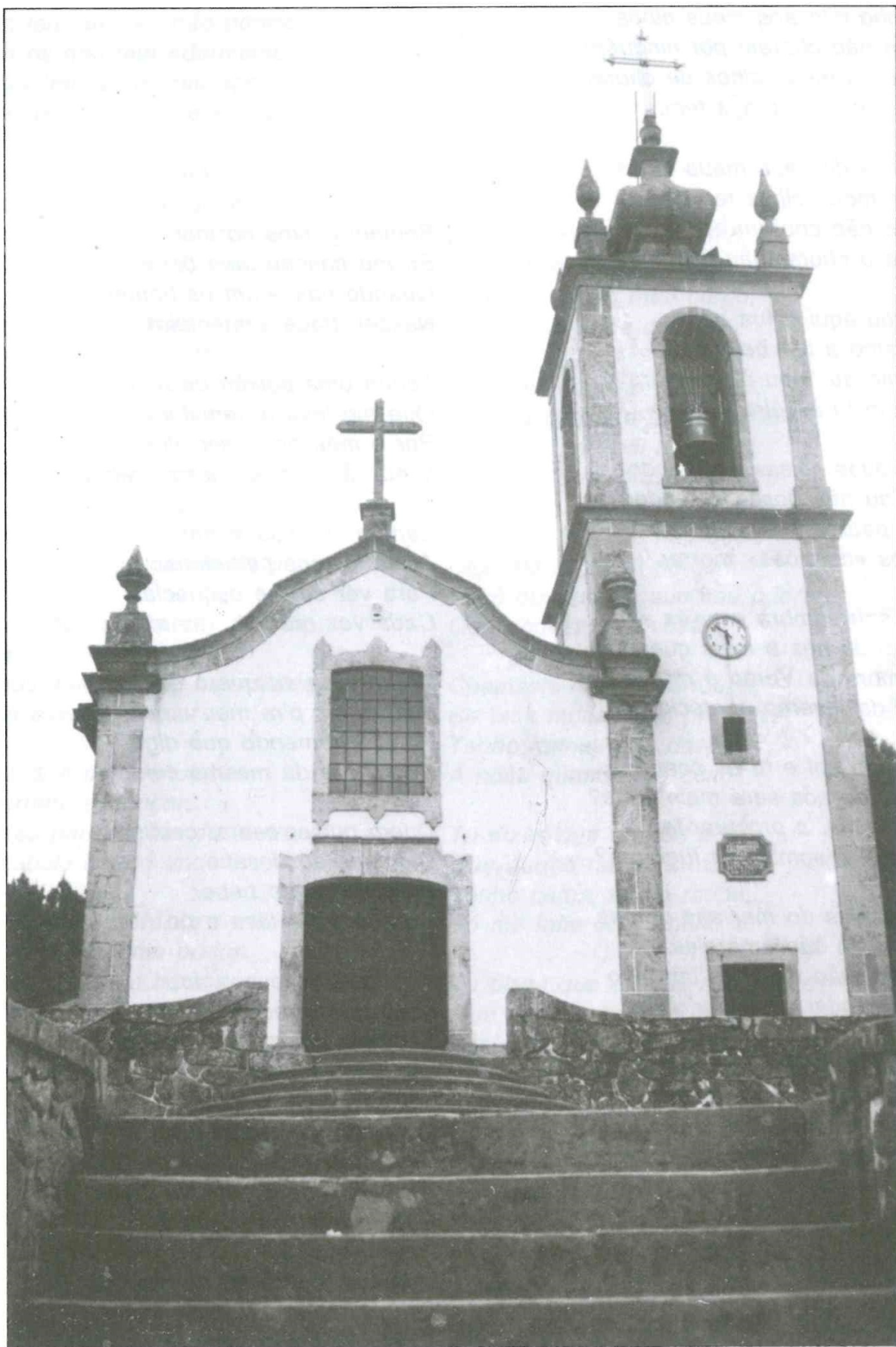


Fig. 2 — Igreja de S. Jorge de Airó.

Tenho dito aos meus olhos
Que não chorem por ninguém,
Que os meus olhos de chorar
Já nenhuma graça tem.

Tenho dito aos meus olhos,
Aos meus olhos tenho dito,
Que não chorem por ninguém,
Que o chorar não é bonito.

Estou aqui à tua beira,
Mesmo à tua beirinha.
Tanto eu 'stou à tua beira
Como tu à beira minha.

Há duas coisas no mundo
Qu'eu não posso entender:
Os padres ir p'ró inferno
E os «cergiões» morrer.

Eu sou sombra e tu és sol,
Qual de nós o mais querido?
Sombra de Verão é regalo,
Sol de Inverno apetecido.

Eu sou sol e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu, o sol, a procurar-te
Ou tu, a sombra, a fugir-me?

As ondas do mar são verdes,
No meio são amarelas.
Ai da mãe que cria um filho
Para andar em cima delas.

Papagaio pena verde,
Dá-me uma pena da asa.
Quero escrever ao amor,
A minha ficou-me em casa.

Semeei goivos no mar,
Só me nasceu uma beira.
Quando nasceram os homens
Nasceu fraca sementeira.

Tenho uma paixão de morte
Que me leva à sepultura,
Por o meu amor ser alto
E eu não ser da mesma altura.

Semeei a salsa verde,
Ao redor dos pinheirais.
Para ver se me esquecias,
Cada vez me lembras mais.

Minha mãe eu quero quero,
Meu primo p'ra meu amor.
Não há remendo que diga
Como é o da mesma cor.

Quem quiser cantar comigo
Cantigas ao desafio,
Primeiro há-de beber
Quanta água leva o rio.

A água que leva o rio
Levo eu no meu chapéu,
Também quero que me digas
Quantos anjos há no céu.

Quantos anjos há no céu
Digo-te sem os contar.
Também quero que me digas
Quantos peixes há no mar.

Quantos peixes há no mar
Cabem num cesto sem fundo.
Também quero que me digas
Quantos homens há no mundo.

Quem tem amores não dorme,
Quem os não tem adormece.
Eu não trocava o meu sono
Por trinta amores que eu tivesse.

Ó mar alto, ó mar alto,
Ó mar alto sem ter fundo.
Mais vale andar no mar alto
Do que nas bocas do mundo.

Antoninho, cara linda,
Não vás à fonte beber.
Que lá tem penas de morte,
Não te quero ver morrer.

Minha mãe mandou-me à erva,
Eu erva não sei segar.
Mande-me falar aos moços
Que algum jeito lhe hei-de dar.

Minha mãe mandou-me à erva,
Eu erva não sei segar.
Ela aos amores não me manda
E p'ra esses sei falar.

Eu perdi o meu lencinho
No terreiro a dançar.
Se meu pai não me der outro
Em cabelo hei-de andar.

Oh quem me dera uma mãe,
Inda que fora uma pedra.
Inda que ela me batesse,
Eu sempre era filha dela.

Oh! quem me dera uma mãe,
Inda que fora uma silva.
Inda que ela me picasse,
Eu sempre era sua filha.

Ó minha mãe do trabalho,
Para quem trabalho eu?
Trabalho, mato meu corpo,
Não tenho nada de meu.

Você diz que me não quer,
Que eu que não tenho dinheiro
Tenho o meu pai no Brasil,
Sou filha dum brasileiro.

Você diz que me não quer,
Diga-me a causa porquê.
Você diz que eu que sou pobre,
Que riqueza tem você?

Chamaste-me pouca-roupa,
Se tens muita, bom proveito.
Tenho menos que despir
À noite quando me deito.

Tu dizes que eu sou pobre
Que durmo na terra fria.
Tenho cama, tenho roupa,
Só me falta companhia.

Tu dizes que eu que sou pobre
Que durmo no chão varrido.
Tenho cama, tenho roupa,
Só me falta o meu marido.

Sete anos fui ferreiro,
Outros sete lavrador.
Sete anos estudante,
Outros sete fui doutor.

Quando eu nasci chorava,
Chorava por ter nascido.
Parece que adivinhava
A sorte que tenho tido.

*Não te quero p'ra meu homem
Que eu inda não sou mulher.
Quero-te p'ra meu cunhado
Se minha irmã te quiser.*

*Se eu soubera quem tu eras
Ou quem tu vinhas a dar,
Mandava vir da botica
Remédio p'ra te matar.*

*Santo Amaro é dos coxos,
S. José dos carpinteiros,
O Senhor dos lavradores,
O diabo dos ferreiros.*

*Ando por aqui de noite
Como o gavião perdido.
O meu pai fechou-me a porta,
Deixa-me ir dormir contigo.*

*Tenho um vestido de penas,
Não mo fez o alfaiate.
Causei-as por minha mão,
Com elas talvez me mate.*

*Coração perto da boca
Faz um jeito que regala,
Em certas ocasiões
Arrebenta se não fala.*

*Coração por coração,
Amor, não troques o meu,
Olha que o meu coração
Sempre foi leal ao teu.*

*Andando eu na ribeira
A colher o meu nabal,
Inda trago uma folhinha
P'ró laço do avental.*

*P'ró laço do avental,
P'rá gola do teu vestido.
Rica prima eu vou p'rá guerra,
Deixa-me ir dormir contigo.*

*Deixa-me ir dormir contigo,
Uma noite não é nada.
Eu entro pelo escuro
E saio de madrugada.*

*Olhos pretos e castanhos,
Olhos verdes e azuis,
Destas quatro castas d'olhos
Quais serão os mais tafuis?*

*Os teus olhos me prenderam
Domingo na nossa missa.
Se esses teus olhos me prendem,
De casa vem a justiça.*

*Os olhos do meu amor
São bonitos, não se vendem,
São balas com que me atira,
São cadeias que me prendem.*

*Abre-te campá fechada,
Sepulcro deste infeliz.
Seremos na morte unidos
Já que em vida o céu não quiz.*

*P'ra falar ao meu amor,
P'ró meu amor me entender,
Não quero tinta nem lápis
Nem preciso de escrever.*

*Da boca faço tinteiro,
Do nariz pena dourada,
Dos dentes letra miúda,
Do rosto carta fechada.*

Venho da Serra da Estrela
D'aprender a «cergião».
Para sangrar a menina
Na veia do coração.

Meu coração é relógio,
Meu peito dá badaladas,
Nos dias que te não vejo
Trago as horas contadas.

Senta-te aqui Antoninho
Nos bancos do meu tear.
Vai-me enchendo as canelas,
O mundo deixa-o falar.

Senta-te aqui Antoninho,
Tu numa pedra e eu noutra:
Aqui choraremos ambos
A nossa ventura pouca.

António, lindo António,
Antoninho meu amor,
Nunca me sais do sentido,
Vá eu para onde for.

António, cabelos loiros,
Penteados no deserto.
Nunca vi amor tão firme
A falar com tanto afecto.

Não me atires com pedrinhas
Qu'estou a lavar a louça.
Atira-me com beijinhos,
Baixo que meu pai não ouça.

Antoninho pede a Deus
Que eu peço às almas santas
Que nos ajuntemos ambos
Já que as lágrimas são tantas.

Eu queria cantar alto,
A garganta não me ajuda,
Falta-me aqui o pão branco,
Falta-me o sumo da uva.

Uma silva me prendeu,
Outra me venha soltar.
Não há silva que mais prenda
Que os olhos dum militar.

Já te quiz, já te não quero,
Já te amei, já te não amo,
Já te perdi a afeição,
Já te dei o desengano.

Já te amei, já te não amo,
Já te perdi a afeição.
Já te arrumei para um canto
Fora do meu coração.

Ó rosa da Alexandria
Onde deixaste o cheiro?
Deixei-o na minha cama
Na renda do travesseiro.

Menina que anda c'o gado,
Com que lava o seu cabelo?
C'umas ervinhas do monte
Que se chamam tormentêlo.

Minha mãe case-me cedo
Enquanto sou rapariga.
Que o milho sachado tarde
Não dá palha nem espiga.

Minha mãe p'ra m'eu casar
Prometeu-me três rodilhas
E tornou-mas a tirar
P'ra casar as outras filhas.

Minha mãe p'ra m'eu casar
Prometeu-me três ovelhas
Uma manca outra cega
Outra mona, sem orelhas.

De vermelho encarnado
Fez o rei a carapuça.
Quem tem raiva que remoa,
Quem tem catarro que tussa.

Tu chamaste ao meu cabelo
Sarilho de ensarilhar,
Eu também chamo ao teu
Dobadoira de dobar.

Se tu visses o que eu vi
Lá na Serra do Pilar,
Uma cabra sem orelhas
A aprender a militar.

Se tu visses o que eu vi
Nas ruas de Guimarães,
Uma cadela com pitos,
Uma galinha com cães.

Se tu visses o que eu vi
Num buraco da parede,
A cobra a dançar o vira,
O sardão, a cana verde.

Se tu visses o que eu vi,
Varavas como eu vareei.
Uma cobra a tirar água
Lá no palácio d'El-rei.

No mar alto anda a guerra,
Qu'eu bem ouço dar os tiros.
Eu bem ouço combater
Os meus ais c'os teus suspiros.

Estes mocinhos d'agora,
Estes que d'agora são.
Comem papas de farelo
Adubadas com sabão.

Estes mocinhos d'agora
São poucos mas são valentes,
Levam a pia dos porcos
Atravessada nos dentes.

Eu gosto muito de peras
Sendo elas de amorim.
Eu gosto muito de António,
Muito mais de Joaquim.

Eu gosto muito de peras
Sendo elas cabaçais.
Eu gosto muito de António,
De Manuel muito mais.

O meu amor é António,
Eu queria Joaquim.
Darei-lhe o mais lindo cravo
Que tiver no meu jardim.

Aqui d'el-rei, quem acode?
Que se arrasa Santarém.
Acudam os alfaiates
Enquanto os homens não vêm.

Alfaiates não são homens,
Nem se lho pode chamar.
Quando perdem uma agulha
Põem-se logo a chorar.

Quatrocentos alfaiates,
Outros tantos aprendizes,
Para tombar um bugalho
Foram todos de narizes.

Quatrocentos alfaiates,
Todos postos em campanha,
Berraram aqui d'el-rei
Para matar uma aranha.

Água leva o regadinho,
Água leva, vai regar,
Todos me dizem te deixe,
Eu não te posso deixar.

Água leva o regadinho
Vai regar a quinta ao rei.
Todos me dizem te deixe,
Eu nunca te deixarei.

Água leva o regadinho,
Vai regar o urgebão.
Enquanto rega e não rega,
Vira-te p'ra mim João.

Água leva o regadinho,
Vai regar o alecrim.
Enquanto rega e não rega,
Vai-te virando p'ra mim.

Quando eu era pequeno
Andava de meias brancas.
Agora que já sou grande
Uso vergas nas tamancas.

Quando eu era pequeno
E jogava o meu pião,
Diziam-me as raparigas
Deita-mo aqui na mão.

Quando eu era solteira
Usava fitas e laços,
Agora que sou casada
Trago meus filhos nos braços.

Quando eu era solteirinha
Usava fitas aos molhos,
Agora que sou casada
Uso lágrimas nos olhos.

O Senhor de Matosinhos
Mandou dizer ao de Fão
Que dissesse ao de Barcelos
Que eram todos três irmãos.

Ó amieiro do rio,
Deixa passar os peixinhos.
Quem namora às escondidas
Dá abraços e beijinhos.

Ao passar ao ribeirinho,
Água sobe e água desce.
Dei a mão ao meu amor
Não qu'ria que se soubesse.

Oh que rua tão escura,
Não vejo nada por ela.
Podias tu ó menina
Ter uma luz à janela.

Esta rua tem pedrinhas,
Esta rua pedras tem.
Janelas avarandadas
Só o meu amor as tem.

Ó meu S. João Baptista
A vossa capela cheira,
Cheira ao cravo, cheira à rosa,
Cheira à flor de laranjeira.

S. João foi-se deitar
Debaixo da laranjeira.
Caiu-lhe a flor em cima
S. João que tão bem cheira.

S. João adormeceu
Nas escadinhas do coro.
Deram as freiras com ele,
Depenicaram-no todo.

S. João p'ra ver as moças
Fez uma fonte de prata.
As moças não vão à fonte,
S. João todo se mata.

S. João p'ra ver as moças,
Fez uma fonte de areia,
As moças não vão à fonte,
A fonte está sempre cheia.

Fui ao S. João a Braga
E vi tudo embandeirado.
Tudo isto são bandeiras
Que o S. João tem ganhado.

S. João e mais S. Pedro
Andavam ambos os dois.
S. João olhava as vacas
E S. Pedro olhava os bois.

Se fores ao S. João,
Trazei-me um S. Joãozinho.
Se não puderes com um grande,
Trazei-me um mais pequeninho.

S. João, meu S. João,
Anel d'ouro no dedo da mão.
S. João, meu S. Joãozinho,
Anel d'ouro no dedo mendinho.

Repenica, repenica, repenica,
S. João a suar em bica...
Repapoila, repapoila, minha repapoila,
Feijão branco, arroz de caçoila.

Chamaste-me trigueirinha,
Isto é do pó da eira.
Hás-de-me ver ao domingo
Como a rosa na roseira.

Meu amor assentou praça
No 8 de Infantaria.
Eram os mais lindos olhos
Que o regimento trazia.

Quando eu assentei praça
No coração duma pomba,
Cuidava subir de posto,
Dei uma baixa redonda.

Quando eu assentei praça
No 8 de Infantaria,
Cortaram-me o meu cabelo,
Lá se foi minha alegria.

O sol julga que m'engana
Mas eu sei-lhe andar ao jeito.
Quando nasce estou na cama
Quando se põe eu me deito.

Prometeu o sol à lua
Uma fita de mil cores,
Quando o sol promete prendas
Que fará quem tem amores.

Menina que vai no barco,
Tira o pé que molha a meia,
Vá casar à sua terra,
Não venha casar à alheia.

Ó minha costureirinha
A tua agulha picou-me.
Foi tamanha a picadela,
Estava a dormir, acordou-me.

Ó minha costureirinha
Tu que estás a costurar?
Uma saia travadinha
P'ró domingo passear.

Senhor abade eu pequei,
Eu fiz um grande pecado.
Eu comi à sexta-feira
Um franganito assado.

Senhor abade eu pequei,
Ao Senhor peço perdão.
Abracei-me à costureira,
Fiquei cheio de cotão.

Os três reis foram guiados
Por uma estrela do céu.
Assim os meus olhos guiam
O meu coração ao teu.

Eu vou por aqui abaixo
Como quem não vai a nada,
Abanar a pereirinha
Qu'inda não foi abanada.

Pobre de quem tem amores
E se deita sem os ver.
Toda a noite está sonhando
Quando há-de amanhecer.

Rapazinho, tu és tolo
'Stás no rol dos inocentes,
Já me falas em casar
Inde te nascem os dentes.

Eu casei-me, cativei-me
Troquei a prata por cobre.
Troquei minha liberdade
Por moeda que não corre.

Minha mãe chama-se Rosa,
Sou filha duma roseira.
Não me posso apartar
Da rosa que tão bem cheira.

Minha mãe é uma rosa
Que meu pai arrecebeu.
Eu também sou um botão
Que aquela roseira deu.

Minha mãe chama-se Rosa
Para eu ser mais desgraçada.
Que não há rosa no mundo
Que não morra desfolhada.

O cravo, depois de seco,
Foi-se queixar ao jardim,
A rosa lhe respondeu:
Por tempo, tudo tem fim.

És ó Rosa flor mimosa
Ao pé do tanque nascida.
Sabes o bem que te eu quero,
Fazes-te desentendida.

Foste dizer a meu pai
Que eu que andava coradinha,
Os anjos do céu me levem
Se esta cor não era a minha.

Foste dizer a meu pai
Que eu que andava a namorar.
O meu pai te respondeu
A raiva te faz falar.

Fui-me confessar e disse
Que não tinha amor nenhum,
Deram-me por penitência
Que tivesse ao menos um.

*Fui-me confessar e disse
Que te andava namorando,
Deram-me por penitência
Que fosse continuando.*

*Fui-me confessar à Sé
E vim pelos Biscainhos.
Deram-me por penitência
Mais abraços que beijinhos.*

*Na outra banda do rio
Na outra banda de além
Tem meu pai um castanheiro
Que muitas castanhas tem.*

*Da outra banda do rio
Da outra banda de lá
Tem meu pai um castanheiro
Que muitas castanhas dá.*

*Da outra banda do rio
Não chove, não cai orvalho.
Menina que há-de ser minha
Não me dê tanto trabalho.*

*Da outra banda do rio
Tem meu pai um castanheiro,
Dá castanhas em Abril
Uvas brancas em Janeiro.*

*Quem quiser que eu cante bem
Dê-me vinho ou dinheiro,
Que esta minha gargantinha
Não é forja de ferreiro.*

*Ó vida da minha vida,
Ó vida do meu chapéu.
Se eu morrera em pequenino
Já agora estava no céu.*

*Se quando nasci morresse
Melhor fora a minha sorte.
Não andava aqui agora
A pedir a Deus a morte.*

*Fui ao céu por uma linha,
Desci por um cacho de uvas.
Ninguém se fie nos homens
Que são falsos como Judas.*

*Meu coletinho de linho
Bem chegadinho ao peito.
Remendo sobre remendo
Ninguém vê do que foi feito.*

*Meu coletinho de linho
Que inda não foi à barrela,
Inda sou quem era dantes
Inda sou quem de antes era.*

*Eu tenho cinco coletes
Todos cinco bem talhados.
Eu tenho cinco amores,
Quatro andam enganados.*

*Minha mãe mandou-me à erva
P'ró lameiro d'erva-doce,
Cheguei lá cortei um dedo
Nunca eu à erva fosse.*

*Ó Manuel, maçã doce,
Colhida na macieira.
Os teus olhos Manuel
Trago-os na minha algibeira.*

*Maria, Mariazinha,
Sentadinha num penedo.
Por causa desses teus olhos
É que eu vivo num degredo.*

Já lá vai pelo mar fora
Quem me tirava o chapéu,
Já lá vai quem me dizia
Adeus anjinho do céu.

Chorai olhos, chorai olhos,
Que o chorar não é desprezo,
Que a Virgem também chorou
Quando viu seu filho preso.

Eu hei-de subir ao alto
Ao mais alto que eu puder.
Ao mais alto ramalhinho
Que a oliveira tiver.

Eu hei-de subir ao alto
Que eu do alto vejo tudo.
Quero ver o meu amor
Que anda em Braga no estudo.

Eu hei-de subir ao alto
Que eu do alto vejo bem.
Quero ver o meu amor
Se fala p'ra mais alguém.

O rio não leva água
Leva sumo de limão
Quem não quer que o mundo fale
Não lhe dê ocasião.

A água do rio vai turva
Por minhas mãos a turvei,
Julguei que enganava o mundo
A mim mesma me enganei.

A água do rio vai turva
Chega ao mar esclarece.
O ladrão do meu amor
Julga qu'inda mais merece.

Debaixo d'água vai água,
Debaixo d'água vai lodo,
Eu não falo de ninguém
De mim fala o mundo todo.

Lavadeira feiticeira
Vem lavar meu coração
Que o trago encardido
Das nódoas duma paixão.

Meninas do rio triste
Vinde lavar ao alegre
Que a água do nosso rio
Deixa a roupa como neve.

Fui lavar ao rio triste
Escorregou-me o sabão
Lavei as roupas com rosas
Ficou-me o cheiro na mão.

Menina se fores lavar
Lava na pedra do meio
E se vires cair flores
Apanha, mete p'ró seio.

Papagaio pena verde
À janela do abade.
Nunca vi mulheres mentir
Nem homens falar verdade.

Altos muros, altos muros,
Altos muros tem Vilar.
Altos muros tem teu peito
Que não posso lá entrar.

Julgavas por eu me rir
Que eu já te estava querendo
O meu rir é de garota
Que eu de ti nada pretendo.

*Julgavas por eu me rir
Que já me tinhas na mão,
Eu não sou tão rabaceira
Que coma fruta do chão.*

*Ó coração distraído,
Ó cara cheia d'enganos,
Olha a paga que tu deste
A quem te amou tantos anos.*

*Não há machado que corte
A raiz ao alecrim,
Não há nome que me agrade
Como é o de Joaquim.*

*Não há machado que corte
A raiz ao urgebão
Não há nome que me agrade
Como é o de João.*

*Antoninho, lindo António,
António lindo rapaz
Tem os olhos tão bonitos
Não sei se me enganarás.*

*O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma.
Anda o cravo em demanda
Por a rosa ter mais uma.*

*Suspiros e ais e dores
Maginações e cuidados:
É o manjar dos amores
Enquanto estão separados.*

*Não há flor como o suspiro
Cá na minha opinião.
Todas as flores se vendem
Só os suspiros se dão.*

*Deste-me uma pera verde
Nem a comi nem a dei.
Aceitei-a como prenda
No coração a guardei.*

*Deste-me uma pera verde
Que havia de amadurar.
O que é verde sempre é verde
Tu querias-me enganar.*

*Cravo branco à janela
Menina não o tens
Dá-lhe o vento bole, bole,
Eu cuido que me acenais.*

*Tenho à minha janela
Cinco reis, há tanto tempo,
Para comprar, de pão branco
No dia do casamento.*

*Manjerição da janela
Ao pé lhe cai a semente.
Mais vale um bom desengano
Que andar enganado sempre.*

*O loureiro bate bate
Que eu bem o ouvi bater.
C'o a rama no telhado
Para o amor entender.*

*Minha maçã vermelhinha
Picada do rouxinol
Se não foras picadinha,
Eras linda, como o sol.*

*Minha maçã vermelhinha
Que me deu um carpinteiro,
Há seis anos que a tenho
Inda não perdeu o cheiro.*

Não sei se cante se chore
Para mim tudo é pena.
Se canto tudo me esquece
Se choro tudo me lembra.

O meu amor era torto,
Eu mandei-o cavacar.
Agora já tenho lenha
Para fazer o jantar.

Quem me aqui ouvir cantar
Que dirá? E tem razão
Que eu canto sem alegria,
Sabe Deus minha paixão.

Meus senhores, não se admirem
De eu cantar e ser casada,
Eu canto com alegria
De me ver bem empregada.

Quando eu aqui cheguei,
Dei um ai, tudo tremeu.
Era noite fez-se dia,
Quem me faltava apareceu.

Quando eu aqui cheguei,
Dei um ai, tremeu a terra.
Era noite fez-se dia,
Saiu-me o sol à janela.

Se à minha porta faz lama
À tua faz um lameiro.
Não fales nunca dos outros
Sem olhares p'ra ti primeiro.

Pediste-me uma laranja,
Meu pai não tem laranjal.
Se quiseres um limão doce
Salta cá dentro ao quintal.

Se eu morrer e tu morreres
Fazemos uma morrida.
Tu morres por me matar,
Eu morro por te dar vida.

Ó que pinheiro tão alto
C'uma só pinha no meio.
Ó que menina tão linda,
Filha dum homem tão feio.

Meu amor, não morras hoje,
Deixa p'ra segunda-feira.
Não quero que o mundo diga
Que morreste à minha beira.

Meu amor, não morras hoje,
Deixa p'ra segunda-feira.
Que eu quero andar de luto
Uma semana inteira.

Trazeis cordões ao pescoço,
Brinquinhos a dar a dar.
Beijinhos até morrer,
Abraços até cansar.

Abre-te peito e fala,
Coração salta cá fora,
Anda ver o teu amor
Que chegou aqui agora.

Rapariga tu és tola,
O teu juízo vareia.
Deitas azeite no lume,
Aguardente na candeia.

Manuel, cacho de uvas,
Vamo-la depenicar.
Ele é amiguinho das moças,
Sua mãe qué-lo matar.

*Eu vou por aqui abaixo
Aos saltinhos como a rola,
Entregar a minha alma
À Virgem Nossa Senhora.*

*Eu fui à figueira aos figos,
Ataquei-me de marmelos.
Era uma quinta-feira
Fui vendê-los a Barcelos.*

*Hei-de cantar, hei-de rir,
Enquanto solteira for.
Que depois de casadinha
Quem governa é o meu amor.*

*Hei-de cantar, hei-de rir,
Hei-de pôr tudo à toa.
Nem o cantar nem o rir
Me vão tirar de eu ser boa.*

*Hei-de cantar, hei-de rir,
Hei-de ser muito alegre.
Hei-de mandar a tristeza
P'ra maleita que a leve.*

*Hei-de cantar, hei-de rir,
Hei-de pintar a baralha.
Sou pau p'ra toda a colher,
A mim ninguém me atrapalha.*

*Chove dentro em meu peito,
Não tenho retelhador.
Chove dentro como fora
Lágrimas do meu amor.*

*Maria, minha Maria,
Maria, minha mulher.
Vós dizeis que ela que é minha,
Ela é de quem Deus quiser.*

*Maria, minha Maria,
Maria, minha mulher.
Vós dizeis que ela que é minha,
Ela é de quem a quiser.*

*Maria, minha Maria,
Meu rosário sem cordão.
Tu és o meu oratório
Onde eu faço oração.*

*Alfádega tem pé d'ouro,
Segurelha é meu empenho.
Amar-te com lealdade
É obrigação que tenho.*

*Oliveira pequenina
Que azeitona pode dar?
Eu também sou pequenina
Mas sou firme no amar.*

*Azeitona pequenina
Que azeite pode render?
Homem pequeno sem barba
Que respeito pode ter?*

*Minha violinha nova
Tem dezoito caravelhas
Para eu tocar à noite
À menina das ovelhas.*

*O mar pediu a Deus peixes
Para andar acompanhado,
Quando o mar quer companhia
Que fará um desgraçado.*

*O mar pediu a Deus peixes
Os peixes a Deus fundura
Os homens a liberdade
As mulheres a formosura.*

Minha mãe, minha mãezinha,
Muito custa a ser mulher.
Se é bonita é desgraçada,
Se é feia ninguém a quer.

Minha mãe, minha mãezinha,
Muito custa ser mulher.
Se é bonita tem má fama
Se é feia ninguém a quer.

Ando rouca, enrouquecida,
Não é de beber azêdo.
É de falar ao amor
Pela madrugada cedo.

Ando rouca, enrouquecida
Não é de beber vinagre,
É de falar ao amor
Novinha, sem ter idade.

Ando rouca, enrouquecida,
Do meu peito estou cansada.
Isto foi uma paixão
Por teu respeito causada.

Estes mocinhos d'agora
Todos se querem casar.
Têm o brio no cabelo
O dote no calcanhar.

Quero-te bem, na verdade
De te amar tenho preguiça.
Se tu fores e não voltares
As almas têm uma missa.

Rosa que estás na roseira
Deixa-te estar até ver
Que eu vou ao Brasil e venho
Inda te hei-de vir colher.

Rapariga tu és tola
Deus te dê muito juízo,
Deus te dê o que te falta,
O que te for mais preciso.

Toda a vida fui pastor,
Toda a vida guardei gado.
Trago uma nódoa no peito
De m'encostar ao cajado.

Eu vou-me daqui embora
Para onde não te digo
Se tu o quiseres saber
Prepara-te, anda comigo.

Vou-me embora do meu amo,
Não lhe devo nem um dia.
Antes ele deve a mim
As noites que eu não dormia.

Eu vou-me daqui embora
Para a semana que vem.
Quem me não conhece chora
Que fará quem me quer bem.

Vou-me embora desta terra,
Pena não levo nenhuma.
Só por ti, ó meu amor,
É que levarei alguma.

Eu hei-de subir ao alto,
Ao alto hei-de subir.
Pois quem mais ao alto sobe
Mais ao baixo vem cair.

Oh quem me dera na Maia,
Oh quem me na Maia dera.
Tenho lá sogro e sogra
E marido à minha espera.

*Adeus que me vou embora
Adeus que me embora vou.
Eu se vou é porque eu quero
Que a mim ninguém me mandou.*

*Dizes-me que tenha esp'rança,
Eu esp'rança tenho tido.
Quando me aparto de ti
Não sei se morro se vivo.*

*Adeus que me vou embora
Vou p'ra terra do açúcar.
Que eu não tenho, nesta terra
Quem comigo já se ocupe.*

*Ele chove, eu não me molho,
Esta chuva, donde vem?
Vem dos teus olhos menina
Ou do coração d'alguém.*

Separata de «BARCELOS REVISTA» — 2.ª Série — N.

biblioteca
municipal
barcelos



55092

Cantares do povo minhoto